

Senhora Silva

CONTO

Ofélia

Marialba era seu nome, porém chamada por todos de Sra. Silva. Casou aos dezessete anos com Romualdo, funcionário federal. Ele, na época, com trinta e dois anos, quase o dobro de sua idade. Apaixonaram-se e, em curto espaço de tempo, casaram-se. Os filhos vieram em seguida. Aos vinte anos era mãe de Joana e Alberto.

Marialba, junção de Mário - seu pai - com Alba - sua mãe, formada no Magistério, dedicara-se a alfabetizar crianças. Não quis continuar estudando. Apesar de ganhar pouco, sentia-se realizada com o que fazia e emocionada quando seus alunos despertavam para a leitura.

Marialba procurava olhar para o lado bom da vida. Fugia dos noticiários da TV, não lia jornais. Revelava nesta fuga o medo de conflitos internos e se alienava da vida real. Assim como a Macabea, de Clarice Lispector, acreditava em cartomantes e nas previsões do futuro.

Morando em um apartamento da Cidade Baixa, ela e Romualdo levavam uma vidinha tranquila, com hábitos rotineiros. Nos finais de semana, costumavam ir ao cinema e jantar fora. Domingo, curtiam um churrasquinho preparado na área do apartamento, regado à caipirinha e cerveja.

Era distraída, muito distraída. Cometia gafes como aquela vez em que levou uma bandeja de doces para a amiga diabética. Não se perturbava com essas confusões. Nunca decorou o número de seus documentos e não sabia qual a placa do carro de Romualdo, nem a marca do cigarro que ele fumava.

A aposentadoria do marido veio no início do ano dois mil. A dela era ainda aguardada ansiosamente, quando então poderiam viajar sem data para retorno.

Os filhos moravam longe. Joana, nutricionista, foi para Toronto cursar doutorado. Alberto, médico, aprovado em concurso, passou a morar em Erebango, interior do Rio Grande do Sul.

Romualdo, embora aposentado, mantinha contato com os colegas, indo quase todo dia ao local de trabalho. Recebia, frequentemente, jornais e boletins da empresa em que trabalhara. No entanto, ela jamais teve curiosidade e tempo para lê-los.

Chegou o inverno. Uma chuva intermitente caía sem tréguas. A água escorria pelas vidraças. Na rua, as pessoas protegidas com guarda-chuvas, sombrinhas, impermeáveis, transitavam pelas calçadas molhadas. A Sra. Silva resolveu fazer arrumação nas gavetas. Agora, iniciando sua aposentadoria, tinha mais tempo livre em casa para enxergar o que antes não era visto. Parte do que guardava poderia ser desprezado.

De repente o celular toca e a notícia vem como um raio: Romualdo tinha sido levado à emergência. Na sede da empresa sentira-se mal e os amigos o transportaram para o hospital *Moinhos de Vento*.

Ela voou ao seu encontro.

Rodeada de amigos, de alguns parentes e dos filhos, a Senhora Silva sobreviveu com vontade de morrer. Os ossos doíam, sentia o cérebro oco e dificuldade para respirar. Não estava preparada para enfrentar a morte. Até aqui tinha vivido o cotidiano da vida.

A existência de seu marido fazia com que ela se apagasse. Escondia-se atrás dele. Diluía-se nele. Pouco sabia do que gostava ou desgostava. Ela desejava o que Romualdo desejava. Permitia que ele falasse por ela, escolhesse os filmes a que iriam assistir, os restaurantes onde iriam jantar, o que iriam comer. Era feliz assim. Perto dele ela não temia nada. Ele lhe bastava. O mundo podia acabar. Gostava de ser chamada de Sra. Silva e muitos nem sabiam o seu nome. E os dias foram passando, todos reassumindo seus papéis.

Perambulando pela casa, sentia-se como um peixe nadando, nadando e nadando num aquário sem chegar a lugar algum. Caminhava carregando uma dor, metade dela era saudade de tudo que tinha vivido com Romualdo e a outra metade uma alegria pelo mesmo motivo. A casa era estranha. As poltronas desbotadas, o puxador do guarda-roupa quebrado, as paredes precisavam de pintura. Como é que não enxergava tudo isso quando ainda tinha Romualdo?

O que aconteceu era previsto. Afinal, Romualdo era bem mais velho do que ela e lutava com pressão alta. Por que aquele sentimento de culpa? Que culpa tinha ela por continuar vivendo?

Indiferente ao que se passava dentro dela, a vida continuava, e as contas precisavam ser pagas, as compras no mercado tinham que ser feitas.

O carteiro seguia entregando os boletins. Marialba resolveu ler o material e ficou admirada. A empresa oferecia curso de dança, informática, inglês. Promovia reuniões, jantares, chás e organizava viagens.

Seu tempo sobrava e já não sabia o que fazer. Decidiu preencher suas horas convivendo com aposentados e pensionistas da empresa. Queria participar da viagem a Buenos Aires que estavam preparando. Esgotada de sofrer, procurou animar-se, vestiu uma roupa confortável e, lentamente, dirigiu-se para o centro da cidade. O dia estava sombrio. Luzes acesas na rua e dentro dos prédios. Pessoas passavam apressadas, muitas com fisionomia abatida. Carros buzonavam com os faróis acessos; um trânsito lento e enervante. Sentia um pouco de medo. Não conhecia ninguém da empresa. O mundo dela era fechado com Romualdo e os filhos. O que iria acontecer agora? Nunca imaginou ficar viúva. Desistir da viagem? Não, precisava reagir. Andava vagarosamente, como se fosse uma velha. Uma velha com cinquenta e seis anos. Olhava ao redor por onde passava. Um homem pedindo esmola arrastava-se pelo chão, não tinha pernas. Apressou o passo, virou o rosto. Crianças mal agasalhadas, carinhas sujas, nariz correndo. Alguém dormia sobre papelões embaixo de uma marquise. Índias, com filhos dependurados, vendiam balaios. Tapumes atrapalhavam os transeuntes. Lixo, muito lixo por toda parte. De um restaurante podia-se sentir um cheiro bom de comida e uma mulher pedia alguma coisa para saciar a fome. Caçambas transbordando com sobras de obra, *containers* de

lixo parcialmente queimados, baganas de cigarros pelas calçadas. Um menino em frente à sinaleira fazia acrobacias circenses, mas o sinal abriu para os carros e ele não conseguiu arrecadar moedas.

Marialba parou em frente ao prédio da empresa. Um morador de rua, esfarrapado, postou-se a sua frente.

- Dona, me dá um dinheiro, tô com fome!

Meu Deus, pensou a Sra. Silva. Este pobre coitado nunca deve ter sido casado, ter tido uma família e ainda sente fome. Abriu rapidamente a bolsa e, pensando em pegar uma nota de dois reais, pegou a de cem. Pediu desculpas, entregou para o infeliz, que desapareceu achando que a dona não batia bem. Ele nunca tinha recebido uma nota tão alta. Por que pedir desculpas? Pensou Marialba. Culpa de ter tido um marido? Ter uma família? Não passar fome? A vontade era acabar com todos os mendigos. Nunca tinha reparado neles. Talvez só existissem agora.

Atordoada e confusa, entrou no prédio. Quis esquecer o infeliz.

O elevador parou e, timidamente, ela aproximou-se do balcão e foi encaminhando para a recepcionista seus dados. Inscreveu-se na viagem e, comedidamente, agradeceu.

Voltou para casa mais segura, mais viva, mais inteira. Foi pra baixo do chuveiro e deixou que uma água bem quente caísse sobre o seu corpo. Poderia viver sem marido? Parece que sim. Sentia fome, vontade de comer churrasco. Teria coragem de ir só a um restaurante? Afinal não era tarde, dezenove horas. Vestiu-se e seguiu em frente. O mundo não tinha terminado. A angústia aliviava. Sentia medo e vontade de encontrar alguém conhecido. Ela não precisava ter vergonha de nada!

Fez o pedido e junto pediu uma taça de vinho. Lentamente, saboreou o jantar. Pagou com cartão de crédito e, com a sensação de vitória, voltou para casa. Inacreditável o rumo que sua vida estava tomando.

Marialba começou a vislumbrar aspectos nunca antes percebidos da existência e de si mesma. Uma epifania.

Levemente embriagada, tirou toda a roupa e dormiu nua. Uma viúva dormindo nua e só em uma cama *King Size*.

E os dias passados como chumbo, escuros como chumbo, foram acabando.

Enfim, chegou a tão esperada viagem. Ainda estava escuro quando ela chamou um táxi e rumou para o encontro com o grupo. O trânsito fluía com facilidade, estudantes aguardavam nas paradas de ônibus com energia e alegria da adolescência. Ciclistas circulavam em faixas especiais e mais seguras. Garotas distribuíam pelas sinaleiras panfletos anunciando empréstimos e também tratamentos dentários de baixo custo. Alguns meninos deslocavam-se sobre skates. Jornaleiros ofereciam jornais. As ruas estavam sendo varridas. Podia-se ter esperança na vida.

Em Buenos Aires, Marialba passou alguns dias convivendo com muitos colegas de seu marido. Conversava com todos com bastante desenvoltura. Caminhou de loja em loja fazendo pequenas compras. Jogou, brincou e até dançou.

Os filhos ficariam surpresos com o rumo que ela estava dando para sua vida. Eles tinham preocupação por ela estar morando sozinha.

Ambos desejavam que a mãe se mudasse para Erebango, pois lá a vida era calma.

Calma, no entanto, era tudo agora que ela não queria. É, a Senhora Silva havia morrido juntamente com Romualdo. Porém nascera Marialba e, com ela, uma intensa vontade de viver.